



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Apesar de você e de mim

Quero te convidar para um bate-papo hoje. Apesar de você e de mim, temos um cenário político confuso. Mas também por causa do nosso direito de votar a cada quatro anos, igualmente

contribuímos para a construção desse contexto. Alguns enfrentarão tristeza e mágoa, outros, alegria com a vitória do candidato escolhido.

As ruas deram um recado claro, que já ecoava nas redes sociais e que também pôde ser visto nas eleições passadas. O país está dividido. E é neste ponto que eu queria chegar, como adiantei no início do texto. Assim como não chegamos até aqui sozinhos, também não podemos carregar nas costas o peso do mundo em razão de decisões coletivas.

Somos responsáveis por nossas escolhas, e é bom que esse senso de

responsabilidade aflore nos momentos certos, se não a todo o tempo. Vi minha filha mais velha fazendo bonito ao apresentar seu trabalho sobre consumo consciente e energia renovável na escola no último fim de semana. Importante que as novas gerações se conscientizem sobre a preservação do meio ambiente.

Na mesma noite, em casa, no entanto, ela tomava um banho interminável no chuveiro elétrico. Fiz o meu papel de grilo falante e alertei sobre o quanto de água e de energia estava sendo gasta, e rapidamente ela entendeu.

Pude sentir o choque de gerações no

dia seguinte, e aproveitei para levar comigo mais um aprendizado. Neste domingo, uma das minhas avós completou 95 anos. Inspirada pelo ofício, pela data marcante, e pela coincidência de ter caído no mesmo dia do segundo turno das eleições, perguntei a ela qual conselho deixaria para as próximas gerações. “Mexa-se e viva. Parado, ninguém consegue nada”, avisou.

É nesse movimento que precisamos encontrar forças para nos inspirar. Cada passo, porém, precisa ser acompanhado de respeito. De nada serve entrar em conflito e alimentar agressividade.

Talvez a convivência fique mais difícil por algum tempo, mas perder essa essência pode ser muito perigoso. Não se trata de ser passivo e guardar sentimentos. Manifestar-se e tomar as ruas para marcar posição é importante e legítimo. Cria um sentimento que nem exército nem tropa virtuais conseguem alcançar. É a sensação de união, de ter com quem contar.

Mas, aconteça o que acontecer, diante do cenário que acompanhamos na última década, uma certeza podemos ter: no próximo ano, o Brasil terá o presidente que merece.



O teste da governabilidade

Com maioria conservadora na Câmara Legislativa e no Congresso, a governadora reeleita Celina Leão (PP) precisará construir acordos funcionais, recuperar a imagem do GDF e administrar a relação com o governo Lula sem ruptura

» LUIZ FELLIPE ALVES

Celina Leão (PP) foi reeleita governadora do Distrito Federal com 57,18% dos votos válidos, superando o candidato de esquerda Leandro Grass (PT), que somou 42,82%. O resultado reflete, no plano local, a disputa polarizada nacional entre Flávio Bolsonaro (PL) e Lula (PT) — em um DF que, historicamente, pen- de para o campo da direita, mas que nesta eleição sentiu o impacto da forte mobilização nacional da esquerda em torno da candidatura de Lula, alcançando também o eleitorado brasileiro.

Apesar do cenário nacional aquecido e do escândalo envolvendo o BRB e o Banco Master, a governadora conseguiu contornar a crise sem comprometer sua reeleição, demonstrando habilidade política para navegar entre os desafios locais e o ambiente polarizado. O **Correio** ouviu dois especialistas sobre os desafios que Celina Leão enfrentará neste novo mandato.

O cientista político André César, analista da Hold Consultoria, explicou que a governadora reeleita irá enfrentar os mesmos desafios e determinou que são empecilhos “eternos”, que repercutem em todas as áreas do DF. “São problemas que não são de hoje. Ela vai ter que mostrar um projeto e apresentar um plano de ações imediatas”, disse. Segundo o especialista, Celina terá, ainda, outro desafio: recuperar a imagem do GDF. “Essa é uma mácula que ficou e que vai dar problemas nesse novo governo dela”, enfatizou.

O especialista destacou que a campanha feita por Celina Leão foi determinante para fazer com que ela tenha sido eleita com 987.142 votos. “Para conseguir a reeleição, é fundamental tocar uma campanha de maneira acertada para os interesses, para as questões que importam”, explicou. André César ainda enfatizou que o PT perdeu espaço também no DF. “O eleitor médio olha o PT, em especial no DF, como um partido que teve problemas quando esteve a frente do Palácio do Buriti. Isso também é

Lúcio Bernardo Jr/Agência Brasília



Apesar do cenário nacional aquecido e do escândalo envolvendo o BRB, a governadora conseguiu contornar a crise sem comprometer sua reeleição



São problemas que não são de hoje. Ela vai ter que mostrar um projeto e apresentar um plano de ações imediatas”

André César, analista da Hold Consultoria



A governabilidade depende muito da capacidade de construir acordos, definir prioridades e manter diálogo com parlamentares”

Rócio Barreto, cientista político pela UnB

corresponder ao programa com as suas bases”, disse. Para o especialista em democracia, a governadora reeleita irá enfrentar dificuldades em “construir uma maioria funcional, sem transformar a negociação política em distribuição de vantagem, cargos e o que é incompatível com o interesse público e a transparência”.

Com diversas promessas feitas durante a campanha, Barreto elenca que Celina terá dificuldades para assumir compromissos que dependem de mudanças estruturais, como grandes investimentos e articulação entre instituições de saúde, por exemplo. “Isso exige profissionais e estrutura e organização da rede, além de acompanhamento e valorização dos profissionais de todas as áreas”, disse.

Poder federal

Para André César, se Flávio Bolsonaro (PL) fosse eleito, Celina teria um “grande entendimento” e facilidade em estabelecer um diálogo. “É uma situação de ganha-ganha. Os interesses dos dois se complementam. Inclusive, com interesse do Flávio em Brasília”, disse. Já com Luis Inácio Lula da Silva (PT) reeleito, a avaliação do especialista é de que será um caminho mais sinuoso, porém, “não é do interesse de Celina brigar com o governo federal”. Ele reforça que Celina irá prezar por negociações. “Isso é próprio da política. Mesmo sendo diferentes, há interesses em comum. Não vai ser uma ruptura”, acrescentou.

Por sua vez, Rócio Barreto explica que a relação irá depender da afinidade política entre os governos e da capacidade de Celina de criar uma agenda institucional de interesse do DF. “Diferenças partidárias, ideológicas, poderiam gerar dificuldade de interlocução em determinadas pautas, mas não impedirá acordos sobre saúde, segurança, mobilidade, infraestrutura e as políticas sociais, que é um dos carros-chefes do DF”, afirmou. O especialista ressaltou que a governadora precisa manter o diálogo técnicos e político com ministérios, parlamentares federais e órgãos da União para buscar recursos e viabilizar os projetos. **(Colaborou: Carlos Silva)**



» EVELYN APOLINARIA, cientista política e coordenadora-geral do Observatório do Congresso

O que esperar a partir de 2027

A vitória de Celina Leão (PP) fará dela a governante com a posição mais confortável desde a redemocratização no relacionamento com a Câmara Legislativa. Ela chegou ao segundo turno com 49,93% dos votos válidos no primeiro, contra 34,47% de Leandro Grass (PT). Ao longo de 2023-2026, o Executivo local conviveu com uma maioria ampla e estável: em 2024, a base de Ibaneis Rocha somava cerca de 18 dos 24 distritais,

contando os independentes, e a oposição, com seis, não tinha capacidade de obstrução. O resultado foi um padrão de governabilidade assentado em uma maioria com baixo tensionamento legislativo e uma tramitação rápida de projetos do Buriti.

Esse padrão veio se desgastando antes da eleição. A crise BRB-Master, a saída de Ibaneis em março de 2026 e o rompimento do PL com o então governador,

acompanhado de pedido de CPI, mostraram que a maioria numérica da direita na CLDF, naquele momento, não se traduziria automaticamente em coesão governista. A nova composição de 2026, no entanto, demonstra que as alianças já foram costuradas desde a campanha. O PL elegeu a maior bancada, com cinco cadeiras, mas nenhum partido passa disso: PT, Republicanos, MDB e PP têm três cada, PSOL

e PSB, duas, e União, Podemos e PSD, uma. Somadas, as legendas de centro-direita e direita ocupam 17 das 24 vagas, enquanto PT, PSOL e PSB reúnem sete. Porém, a governabilidade de Celina dependerá da capacidade da governadora de administrar uma maioria fragmentada em dez partidos, na qual cada sigla terá incentivo para negociar caro seu apoio.

O que esperar de 2027, portanto, é uma governabilidade hegemônica, sim, mas mais transacional do que a do ciclo anterior. A governadora terá a vantagem de uma vitória robusta e de uma base ampla,

mas deverá partilhar espaço com um PL fortalecido, que ajudou a eleger e que tem agenda e interesses próprios, e conviver com restrições fiscais herdadas do episódio do BRB, que reduzem a margem para distribuir recursos e cargos. A oposição, embora minoritária, tende a ganhar visibilidade com nomes de forte votação, como Max Maciel, o mais votado do pleito. O teste inicial estará no orçamento de 2027 e na definição da presidência da Casa, momentos em que se verá se a maioria numérica se converte em uma coalizão eficiente ou se a fragmentação cobra o seu preço.